

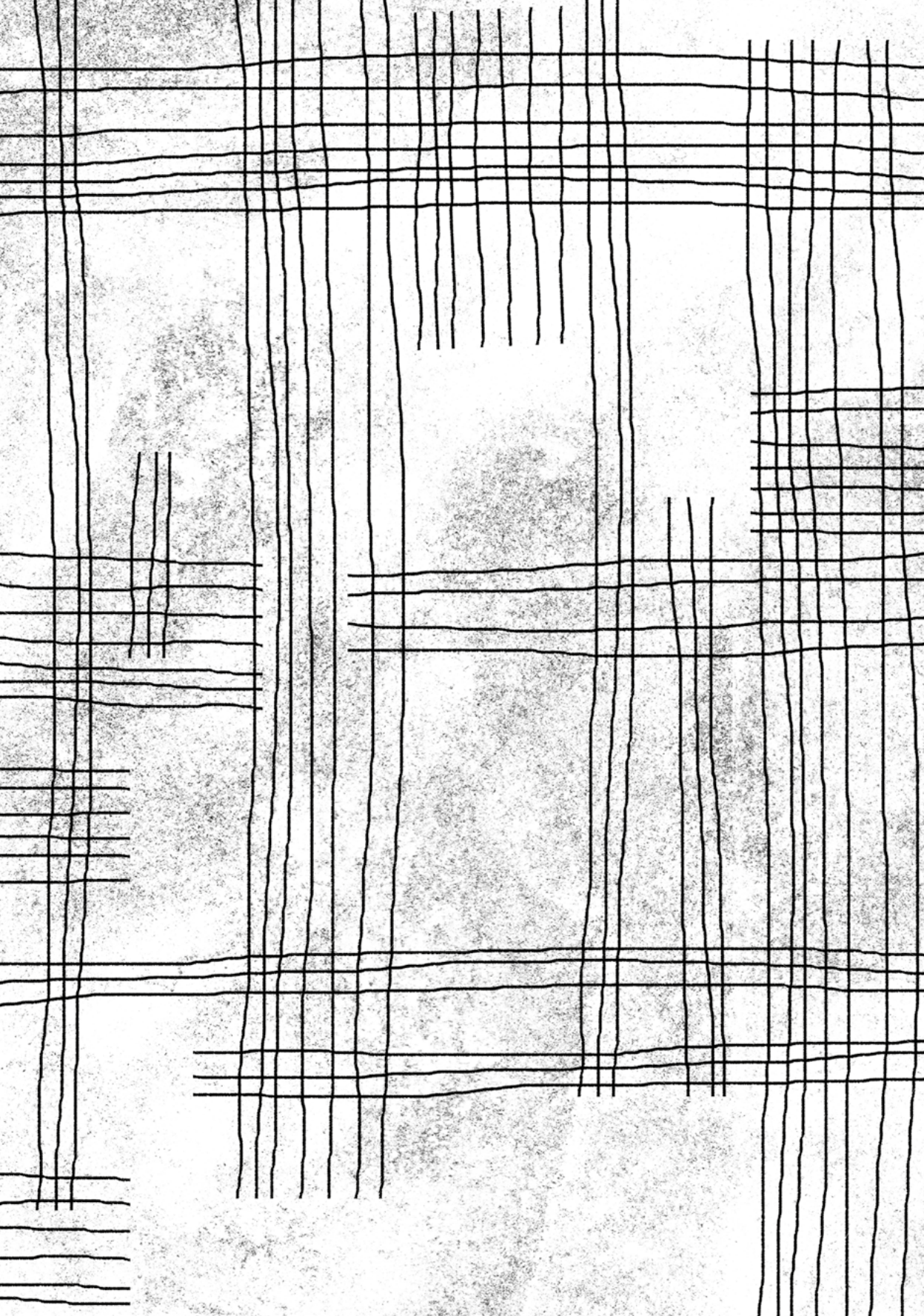


LEMBRANÇAS CEDRINAS

UMA
EXPERIÊNCIA DE CONTAÇÃO
DE HISTÓRIAS BILÍNGUES

organizadores
JOANA DARK LEITE
MAURÍCIO FERNANDO SCHNEIDER KIRST
PRISCILA RODRIGUES DO NASCIMENTO

ilustrações
SANTIAGO RÉGIS





SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA GOIANO

LEMBRANÇAS CEDRINAS

UMA EXPERIÊNCIA DE CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS BILÍNGUES

Organização:

Joana Dark Leite

Maurício Fernando Schneider Kist

Priscila Rodrigues do Nascimento

Ilustrações:

Santiago Régis

ISBN (E-book): 978-65-87469-02-7

Reitor

Elias de Pádua Monteiro

Conselho Editorial

Alan Carlos da Costa

Pró-reitor de Pesquisa, Pós-Graduação e Inovação

Iraci Balbina Gonçalves Silva

Pró-Reitora Substituta de Pesquisa, Pós-graduação e Inovação

Mariana Buranelo Egea

Kleyfton Soares da Silva

Guilherme Malafaia Pinto

Ivandilson Pessoa Pinto de Menezes

André Bonadias Gadelha

Ana Paula Silva Siqueira

Ítalo José Bastos Guimarães

Maryele Lázara Rezende

Rosenilde Nogueira Paniago

Natália Carvalhães de Oliveira

Luiza Ferreira Rezende de Medeiros

Maria Luiza Batista Bretas

Paulo Alberto da Silva Sales

Equipe da Editora do IF Goiano

Sarah Suzane A. Bertolli Venâncio Gonçalves

Coordenadora Geral da Editora

Lídia Maria dos Santos Moraes

Assessora Editorial

Johnathan Pereira Alves Diniz

Assessor Técnico

Organização

Joana Dark Leite

Maurício Fernando Schneider Kist

Priscila Rodrigues do Nascimento

Tânia Regina Vieira

Revisão

Vera Maria Tietzmann Silva

Ilustração

Santiago Régis

Diagramação

Guilherme Cardoso Furtado

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema Integrado de Bibliotecas (SIBI) – Instituto Federal Goiano**

I59c

INSTITUTO FEDERAL GOIANO

Lembranças cedrinhas: uma experiência na contação de histórias bilíngues / [Organização de] Joana Dark Leite; Maurício Fernando Schneider Kist; Priscila Rodrigues do Nascimento. - 1. ed. - Goiânia: IF Goiano, 2020

94 p., il.

ISBN (E-book): 978-65-87469-02-7

Ilustrações: Santiago Reis

1. Comunidade Cedro – Quilombo - Goiás. 2. Memórias. 3. Tradição. 4. Costumes. 5. Cultura. I. Leite, Joana Dark. II. Kist, Maurício Fernando Schneider. III. Nascimento, Priscila Rodrigues do Nascimento. IV. Reis, Santiago. V. IF Goiano. VI. Título.

CDU: 82(817.3)-94

As histórias transcritas, tratadas e publicadas aqui seguem a metodologia da História Oral, portanto estão fidedignas às histórias contadas pelos cedrinos.

Memórias

Onde estão?

*Quantas vezes colonizadas,
modificadas, recontadas, ressurgidas,
negadas, apagadas, confiadas,*

onde estão?

Quantas vezes?

*Roubadas, colonizadas, recuperadas,
estigmatizadas, aculturadas, descolonizadas,
desestabilizadas, sequestradas, valorizadas,
sedimentadas ...*

Insistentes, são sedentas de serem lembradas.

Agradecimentos

Aos membros da Comunidade Quilombola do Cedro, em Mineiros, por compartilharem, por meio das histórias que aqui transcrevemos, elementos que reverberam a identidade negra brasileira, sobretudo num momento em que a nossa nação tem cedido e silenciado suas memórias para assumir origens que não são nossas.

A eles dedicamos este livro.

No percurso das memórias

Um pouco sobre o processo de tecimento das memórias do Cedro 12

Contos

A bicicleta pesada	12
<i>La bici pesada</i>	
A casa assombrada	18
<i>La casa embrujada</i>	
A caveira da vaca	26
<i>La calavera de la vaca</i>	
A rapadura de João Pretinho	34
<i>La panela de Juan Negrito</i>	
Água Santa	38
<i>El Agua Santa</i>	
Assombração de dia	42
<i>Embrujamiento de día</i>	
Chico Cavaco	48
<i>Paco Viola</i>	
Fazê Rapadura	52
<i>Hacer Panela</i>	
Meu primeiro sapato	56
<i>Mi primer zapato</i>	

O conto do sô César	60
<i>El cuento de don César</i>	
O macaco e o mangarito	66
<i>El mono y la mafafita</i>	
O Parente morto	72
<i>El pariente muerto</i>	
Um sonho de menina	76
<i>Un sueño de niña</i>	

Orações e Cantigas

Oração do Pai Nosso Pequeñino	84
<i>Padre Nuestro Pequeñín</i>	
NZAMBE EE	88
<i>Señor</i>	
Quando papai chegar	91
<i>Cuando llegue mi papá</i>	

Leituras afins

Sobre os organizadores

Um pouco sobre o processo de tecimento das memórias do Cedro

Este livro tem como referência maior a memória, não a memória individual, mas a memória coletiva de um grupo humano bastante definido em seus contornos. Trata-se da comunidade do Cedro, um antigo quilombo localizado em Mineiros, cidade do sudoeste de Goiás. Dada a peculiaridade segregacionista que marcou a formação dos quilombos no Brasil, locais de esconderijo e de proteção, constantemente sob a ameaça dos capitães do mato, esses agrupamentos humanos preservaram seus costumes e tradições quase intocados ao longo de muitas décadas.

Pesquisadores do IFG, com o intuito de desvendarem um pouco da riqueza desse patrimônio ancestral dos cedrinhos, propuseram-se a abordar sua cultura de diversas formas e sob diversos ângulos. Como organizadores deste livro, decidimos fazer o registro das histórias conservadas na memória de antigos membros da comunidade. Para tanto, conversamos com vários moradores que, atuando como informantes, gentilmente contaram as histórias que circulavam há gerações nas rodas de conversa com familiares e amigos. Esses relatos foram gravados e depois transcritos pelos pesquisadores.

Registrar histórias colhidas do povo é uma prática que remonta a séculos. Charles Perrault e os irmãos Grimm fizeram isso na França e na Alemanha, respectivamente. Os Grimm foram os primeiros a ter, há mais de 200 anos, a preocupação de manter uma relativa fidelidade entre o texto escrito e a fala dos informantes. Ainda assim, em seus contos predomina um registro culto. No Brasil, Lobato tentou baixar esse registro para um nível mais próximo do coloquial fazendo com que os contos fossem narrados por Tia Nastácia, negra e não escolarizada. Mesmo assim, eles estão bem acima do nível realmente coloquial.

Na década de 1980, um grupo de pesquisadores da UFG recolheu histórias em Jaraguá, cidade goiana localizada na trajetória do ciclo do ouro, seguindo metodologia semelhante à utilizada neste livro. Contataram informantes (em geral pessoas bastante idosas), pediram-lhes que recontassem histórias antigas diante de um gravador e depois adaptaram minimamente esses relatos para a forma escrita. As adequações suprimiram as repetições desnecessárias, as pausas e hesitações, os pequenos cacoetes de linguagem desses narradores. E, claro, deram a forma gráfica esperada no tocante à paragrafação, abertura de diálogos, pontuação etc. Essas narrativas estão reunidas em *Histórias populares de Jaraguá* (1983).

Pode-se dizer que a presente pesquisa teve dois propósitos, um, de *caráter cultural*, e outro, de *caráter instrucional*. Com relação ao primeiro, os registros tecidos e transcritos neste livro foram pensados para despertar reflexões sobre a importância de se conservar a memória dos quilombolas, assim como as raízes da sua cultura negra. Além disso, trata-se de uma estratégia cultural e política para dar visibilidade às vozes de um povo tantas vezes esquecido e saqueado pela invasão manipuladora de interesses econômicos. Diante do exposto, não podemos deixar de considerar que tal produção é também o registro linguístico das marcas da oralidade de falan-



tes goianos, uma vez que as transcrições dos áudios foram organizadas seguindo as bases metodológicas da História Oral, que busca manter-se fidedigna aos relatos originais. Dessa maneira, publicamos um texto escrito que se aproxima o máximo possível do registro oral da Língua Portuguesa no Brasil. Além disso, as narrativas contadas pelos membros do Cedro para este livro também estão documentadas no material audiovisual que o acompanha.

A aventura de escutar, selecionar e transcrever histórias, sobretudo dentro de um plano de trabalho que busca registrar a oralidade, pode causar estranhamento no leitor, uma vez que o esperado de um livro é apresentar o texto segundo os padrões da norma culta. Entretanto, tal procedimento se justifica como uma estratégia de aproximação do leitor com os textos.

Esse acercamento tem como objetivo levar o eventual leitor a vivenciar os prazeres da leitura, simulando, por meio da leitura silenciosa e individual, um momento vívido e compartilhado de contação de histórias. Espera-se que em sua mente o leitor “ouça” a voz do narrador. Durante esse processo, o leitor poderá ter contato com elementos que caracterizam o espaço onde a comunidade vive e com as representações da cultura negra brasileira. Ademais, os leitores, tanto da comunidade do Cedro como de outros espaços, poderão contá-las em Língua Portuguesa ou em Língua Espanhola, uma vez que as histórias aqui transcritas e contadas também foram traduzidas para a Língua Espanhola, cumprindo assim o segundo propósito desta pesquisa, que é revestir-se de um caráter instrucional. Ou seja, os relatos antigos podem atuar na consolidação de um saber novo, o aprendizado de uma língua estrangeira.

Todo este esforço em recuperar memórias, registrá-las e publicar seu resultado faz parte de um projeto maior, que envolve o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq, os servidores do IF Goiano e uma pesquisadora do Instituto Tecnológico do Estado de Goiás em Artes Basileu França. Além destas *Lembranças cedrinhas: uma experiência de contação de histórias bilíngue*, volume organizado por Priscila Rodrigues do Nascimento, Joana Dark Leite e Maurício Fernando Schneider Kirst, desse projeto também resultaram: *Um girassol para Tiana*, escrito por Tatianne Silva Santos e Mara Núbia Dionísio; *How way leads on to way: narrative in an interactive process*, de autoria de Maria Luiza Batista Bretas e Vera Maria Tietzmann; *Diversão e conhecimento: um resgate de brincadeiras e jogos na Comunidade Quilombola do Cedro*, volume organizado por Tatianne Silva Santos, Matias Noll e Tânia Regina Vieira, e *Plantas medicinais – manipulação e uso na Comunidade Quilombola do Cedro*, organizado por Kennedy de Araújo Barbosa.

Ao desfrutar desta coleção, esperamos que você, caro leitor, se divirta com as memórias aqui registradas, já que acreditamos que todas elas se permitiram ser contadas e escolherem você para lê-las. É assim que a nossa história e as nossas memórias se (re)organizam, por meio de (re)encontros com pessoas que se interessam em escutá-las ou lê-las.

!Buen provecho !





A Bicicleta Pesada

Uma vez eu fui na cidade sozim. A namorada trabalhava lá e eu fui na cidade pra mim podê vê ela e, quando eu vim embora daquele lugar, eu lembrei que tinha morto enterrado nesse lugar. Mas, como lá agora vai virá cidade, então ninguém vai ver nada disso lá não. E eu vim vindo de bicicleta e vem, e vem, e vem. Quando foi chegano perto desse lugar lá, a minha bicicleta pesô que danô, como quem que eu tava carregano um na garupa. Falei:

— Nossa! Saiu a roda do centro porque pesô demais.

E vem, e vem pelajano, pelejano, pelejando.

— Meniiiiiiino véi.

Quando deu lá na frente, assim tinha dois caixão na bera da estrada de parecia assim, ó! E essa bicicleta pasó lá devagarzim. E eu pelejano e ela não ia, ela não ia, não. E eu olhano aquele trem assim. E era dois caixão. E quando eu virei a bicicleta pra mim largar ela na beira da estrada, pra mim corrê de a pé, porque a bicicleta num aluia, ué! Aí a bicicleta manerô duma vez assim, ó! Pim! De uma vez.

— Ohhhhhh, menina véi!

Eu desci naquele mundo ali, pra aquele lado do laboratório . Aquilo ali era tudo de chão. Estrada de carro de boi. Estrada de caminhão passá. E eu pensei:

— E eu vim trazê essa daqui aqui e vim pará cá em riba assim, ó!

¹ Laboratório de plantas medicinais do Cedro.



E depois tive que voltá pra trás pra podê pegar a istrada para ir lá pra casa do papai.

Mas eu não cheguei a vê nada não. Só vi o caixão. Mas esses trem não vi mais nada não, porque eu não fui olhá porque eu não tive coragem.

*Contado por José Antônio de Moraes (Zé Leite),
na Comunidade Quilombola do Cedro em Mineiros, Goiás.*



La Bici PeSada

Una vez fui en la ciudad solo. La novia trabajaba allí y yo fui en la ciudad para verla y cuando vine a ese lugar, me recordé que había un muerto sepultado en ese lugar. Pero, pensé como allí ahora va a ser una ciudad, entonces nadie verá nada de eso allí. Y yo venía, viniendo en bici y vengo, y vengo, y vengo cuando llegué cerca de ese lugar allá, mi bici pesó demasíadamante, como si yo llevara a alguien en la garupa. Yo dije:

— ¡Dios mío! Salió la rueda del centro porque pesó demasiado.

Y vengo, y vengo intentando, intentando, intentado.

— ¡Oh, Dios mío!

Cuando estaba más adelante, había dos ataúdes al lado del camino cerquita así oh! Y esa bici paso por allí despacito. Y yo intentando y ella no iba, ella no iba. Y yo mirando los ataúdes así. Y eran dos ataúdes. Y cuando viré la bici para dejarla en la orilla de la carretera, para salir corriendo a pie, porque la bicicleta no salía del lugar. ¡Huy!. Entonces la bici dejó de pesar de rápido así ¡oh! ¡Zás! De una vez.

— Ohhhhhh, ¡Madre de Dios!

Yo bajé aquel mundo allá, hacia el laboratorio. Cuando todo todavía era tierra. Carretera de buey. Carretera para camión pasar. Y yo pensé:

— Y he venido a traer la chica aquí y he venido parar acá arriba, así oh



Y luego tuve que volver hacia atrás para poder tomar la carretera para ir allá a la casa de mi papá.

Pero no llegué a ver nada, nada. Sólo vi el ataúd. Pero, esas cosas no he visto nada, nada, porque yo no las miré, porque yo no tuve coraje.

*Historia contada por José Antônio de Moraes (Zé Leite),
en la Comunidade Quilombola do Cedro en Mineiros, Goiás, Brasil.*







A casa assombrada

História assim, eu lembro de uma tia minha contá qui quando ela era mais nova ela tinha um irmão que era casado e ele morava praticamente, quase vizinho de chácara aqui no Cedro. E aí sempre a minha vó colocava, levava ela pa passá a noite. Lá com a cunhada por conta que o irmão dela sempre ia atropiá. E ficava 2, 3 dias levando vaca, levando o gado pra outras fazenda e às vezes era longe e gastava dois ou três dias, uma semana.

E como ela tinha muito medo de ficá sozinha, a minha tia praticamente, e minha vó quase que obrigava ela i, e se ela não fosse apanhava. Então ficava de castigo e lá ela falava que a casa, era uma casinha de taba, assim um pouco baixa e lá diz que tinha muita assombração, aparecia assim, muita assombração. Escutava alguns ruídos, alguns barulhos, meio assim diferentes. Nesse dia, ela falô que tava cum coisa ruim, tava sintino uma coisa ruim. E minha avó falô:

— Não, cê vai posá lá na casa do seu irmão.

E ela falô:

— Ah não, mãe. Eu não vô não! Tô cum medo! Lá sempre escuta alguma coisa diferente, assim um trem de assombração.

— Cê vai. Se cê num fô cê num vai brincá no outro dia. Cê vai ficá de castigo.

Tá, ela pegô e foi. E ficó só as duas. E minha tia tinha crianças bem pequenininha, recém-nascido. E aí ela falô que chegô à noite, todo mundo ia dormi muito cedo né, porque ... era muito escuro e também por conta do medo. Aí ela falô que todo mundo já tava deitado e, como a casa era de taba, ela escutó um miado dum gato, só que era muito



alto, né! Aí bate, batia assim na, na parede que era de taba, subia na casa e elas tudo cum, cum medo. Cumeçava a rezá um Creio em Deus Pai, uma Ave-Maria, rezava um Pai Nosso, acendia uma vela. E nada daquele ruído pará e cumeçava a ri alto assim, que nem pessoa mesmo.

E aí ela sentiu que tinha abrido a porta. Aí ela falô:

— Nossa senhora!!!! Vai vim pegá nós. Pegá nós!

Aí elas pulô em cima da cama, embrulho, assim, a cabeça e ficô só cum olho de fora. Cum muito medo mesmo. Aí ela disse aqui que na hora que ela viu pareceu, parecia um gato só que era muito grande assim, bem grande, com olho bem vermelho, umas pata grandona. Ela falava:

— Meu pai do céu. Quê que é isso? Será que isso é um gato? Será que é um cachorro?

Aí ele começava a rir assim. Chegô bem na, na cabicera da cama e começava a meio que a puxá a cuberta assim, e puxava a cuberta. E ela cumeçava... E aí ela lembrava da minha vó falano que quando acontecê isso, cêis sempre reza. Reza um Pai Nosso, pensa, leva o pensamento à Deus que vai dá tudo certo.

Aí elas rezava, rezô, rezô. Ficô rezano por quasi uma hora. E aí foi. Foi rezano e aí ... meio que sumiu, sumiu do nada. Aí elas ficava com muito medo. Ela foi lá, saiu da cama e foi ligá, quando ela ligó a luiz, a porta tava fechada, num tinha nada aberto. Aí ela andô assim, um poquinho na casa e viu que num era nada.

Aí ela ... no otro dia ela pegô e contô pa minha vó o quê que tinha acontecido. E ela falô:

— Não, minina! Isso é coisa da cabeça do ceis. Às veis ceis tava..., podia sê que ceis tava até sonhano.

Aí ela respondeu?

— Não, mãe! Eu num tavo sonhano. Eu tava acordada. Pareceu tão real.

Aí ela oiô, oiô no outro dia, foi oiá assim, por volta da casa e viu uns ranhado, mesmo assim, na, naaa, nas taba. E como a casa era de taba, né, e viu aqueles ranhado. Ela falô:



— Mãe de hoje em diante eu não poso lá mais na casa do meu irmão.

Ela falô:

— Por quê?

— Não, lá parece que... lá tem assombração. Eu não vou não...!
Nem que a senhora me bate, eu fico de castigo, eu não vou posá lá mais!

E realmente lá sempre tinha história mesmo de que lá era mal assombrado. E onde era essa casa era perto da horta que a gente tem hoje. Intão lá muita gente já passô lá, e sempre via alguma coisa diferente.

*Contado por Weberson Gonçalves Damacena (Maninho),
na Comunidade Quilombola do Cedro em Mineiros, Goiás.*



La casa embruja

La historia es así, me recuerdo de una tía mía que cuenta que cuando ella era más joven, ella tenía un hermano que estaba casado y él vivía prácticamente casi vecino de chacra aquí en el Cedro. Y ahí siempre mi abuela la pedía para dormir allá con la cuñada, porque su hermano siempre iba a trabajar como arriero. Y quedaba 2, 3 días llevando vaca, llevando el ganado a otras haciendas y a veces era lejos y llevaba dos o tres días, una semana.

Y como ella tenía mucho miedo de quedarse sola, mi tía, prácticamente, y mi abuela le obligaba a ella, y si ella no iba era castigada. Entonces se quedaba de castigo y allí ella hablaba que la casa, era una casita de madera, así un poco baja y allí dice que tenía muchos fantasmas, aparecía así, muchos fantasmas. Escuchaba algunos ruidos, algunos ruidos, muy raros.

En ese día ella habló que estaba sintiendo algo malo, estaba sintiendo que algo malo iba a ocurrir. Y mi abuela dijo:

— Tú vas a dormir sí, en la casa de su hermano.

Y ella habló:

— No es posible ¡Madre mía! ¡No, no voy! ¡Estoy con miedo! Allí siempre se escucha algo raro, algo así como embrujamiento.

— Tú vas. Si no vas, no jugará en el día siguiente. Y se quedará de castigo.

Entonces, ella fue. Y se quedaron sólo las dos. Y mi tía tenía niños muy chiquitos, recién nacido.

Entonces, ella habló que cuando anocheció, todo el mundo dor-



mía muy temprano eh!, porque... era muy oscuro y también porque sentían miedo. Entonces, ella dijo que todos ya estaban en la cama, y como la casa era de madera, ella se asustó con el maullido de un gato, que era un ruido muy alto, ¡he! Entonces, se escuchó un golpe, un golpe en la... en la pared que era de madera. Ese ruido subía por las paredes de la casa. Y ellas con, con miedo. Empezaron a rezar la oración del Credo, una Ave María, un Padre Nuestro, encendieron una vela. Y nada de aquel ruido parar. De repente, se escuchó carcajadas, como si fuera de una persona mismo.

De repente, ella sentía que habían abierto la puerta. En ese momento, ella dijo:

— ¡Madre de Dios! Vendrá a agarrar a nosotras. ¡Agarrará a nosotras! Entonces, ellas saltaron en la cama, envolvieron la cabeza con una manta y se quedaron sólo con el ojo afuera. Estaban con mucho, mucho miedo. Ella dijo aquí que la hora que apareció en fantasma, él parecía, parecía un gato, pero era muy grande así, muy, muy grande, con un ojos muy rojos, unas patas bastante grandes. Ella hablaba:

— ¡Madre de Dios! ¿Qué es eso? ¿Será que es un gato? ¿Será que es un perro?

Entonces, él comenzó a reírse así. El bicho llegó cerca de la cabecera de la cama y empezó a tirar la manta así, y tiraba la manta. Y ahí ella se acordó de mi abuela hablando que cuando sucedía hechos como esos, los nietos deberían rezar. Rezar a un Nuestro Padre, piensa, lleva el pensamiento a Dios que todo saldrá muy bien.

Entonces, ellas rezaron, rezaron, rezaron. Y siguieron... rezando. Siguieron rezando y entonces... el bicho desapareció de lo nada. Entonces, ellas todavía sentían mucho miedo. Ella fue allá, salió de la cama y encendió la luz, la puerta estaba cerrada. No había nada abierto. Entonces, ella anduvo así, un poquito en la casa y vio que no era nada.

Entonces, ella... el otro día contó para mi abuela lo que había sucedido. Y ella habló:

— ¡No niña! Eso es cosa de la cabeza de las dos. Tal vez las dos estaban... puede que vosotras dos estaban soñando.



Entonces ella respondió:

- ¡No mamá! Yo no estaba soñando. Yo estaba despierta. Parecía tan real.

Entonces ella miró, miró en el otro día, fue mirando alrededor de la casa y vio unos arañados, en la pared de la casa. Y como la casa era de madera ¡Eh! Ella vio aquellos arañados. Ella habló:

— ¡Madre! De hoy en adelante yo no duermo en la casa de mi hermano.

Ella habló:

— ¿Por qué?

— No, allá parece que... allá tiene embrujamiento. ¡No voy, no, no...! Aunque que la señora me pegue, que me deje de castigo. ¡Yo no voy a dormir allá más!

Y realmente allá siempre tenía historia de que era un lugar embrujado. Y esa casa es cerca de la huerta que nosotros tenemos hoy. Y entonces, allá mucha gente ya pasó, y allá siempre veían algo raro.

*Historia contada por Weberson Gonçalves Damacena (Maninho),
en la Comunidade Quilombola do Cedro en Mineiros, Goiás, Brasil.*







A Caveira da Vaca

Ma aí um dia minha sobrinha falô assim:

— Vilma vai ter uma festinha lá no centro.

— Vai?

— Vai.

—Então eu vô.

Aí ela pegô e falô assim?

— Cê vai?

— Eu vô.

Aí eu peguei e fui, vim. Sabe? Quando eu saí do serviço eu tinha que dar janta lá no meu serviço primero pa depois vim. Aí depois eu peguei e cheguei lá em casa, né! E perguntei?

— A Aldila já foi?

— Foi. Lá no campo Capoeira.

Aí eu oiei e vi ela, sabe? E eu peguei a minha roupa, uma sacolinha de roupa e vim correno... Aí eu corria e ela corria, mas tava assim longe uma distância da outra né. Aí, hora que eu cheguei no Capoeira ela já estava subindo, descendo a subida do Capoeira. Qué hoje aquela rua de duas pista. Aí quando eu cheguei na curva da estrada da rua do Capoeira, que virava para cá, ela já tava quase desceno na Gamelera. E eu, meu Deus!



E eu desci correno atrais. Quando eu cheguei na Gamelera, pra cima da Gamelera um pouquinho, eu escutei um polaco, sabe?

— *Tic. Tic. Tic. Tic!*

Aí tinha umas vaca, sim. Eu tinha muito medo de vaca. Aí tinha umas vaca, sim. Aí eu falei:

— Eu corro beirano o arame, cá aí ela acha que eu entrei pra dentro, e ela pula pra lá. E eu desço beirano o arame. Quando oiei pra trais, geeente de Deus!!!! Era uma caveira duma vaca, não é uma vaca, a vaca só tinha osso. Só osso, sabe?

E aquele polaco bateno, e eu, ai meu Deus!!!!

E eu corri, corri, corri e encontrei três rapaiz, bem de frente a cruiz do tio Luis Prata e falei assim:

— Cê num viu minha sobrinha não?

E ele falô assim:

— Tá chegano numa casa ali.

Que era na casa dela, né! Ma eu não quis falá pro rapaiz. E eu curri, mais eu curri. Sabe?

Cheguei lá na casa dela. E essa vaca veio até na cruiz do tio Luis Prata. Cheguei lá e contei pra ela:

— Cê viu?

Eu falei:

— Vi!!!

Ela falô assim:

— Eu num vi essa vaca.

— Pois eu vi.

Aí ela falô assim:

— Ah! Eu já vi angola, cachorro, já vi tanta coisa...

— Mas, também eu tava sozinha né!



E eu falei assim:

— E agora?

No outro dia nós tinha que voltá pra trabalhá no domingo. Aí num teve festa foi nada. Aí nós ficô contano causo lá. Aí num voltô no outo dia e eu vi meu rastro assim, e num vi rastro dessa vaca. Ela falô assim:

— Como que cê ia vê se era uma cavera?

Aí eu falei:

— ... era mesmo. E falei assim: Meu Deus!!! E falei:

— Nunca mais eu ando aqui sozinha não. De jeito nenhum. Aí ... eu cheguei lá em casa contei pa minha mãe. E minha mãe:

— Viu vai teimá comigo. Falei pro cê. Falei num vai. Cê vai? Coisa boa! Agora cê num vai mais. E eu falei:

— Agora eu num vô mais sozinha não!

*Contado por Vilma Maria dos Santos,
na Comunidade Quilombola do Cedro em Mineiros, Goiás.*



La Calabera de La Vaca

Entonces un día mi sobrina habló así:

- Vilma va a tener una fiesta allá en el centro.

- ¿Tú vas?

- Vamos.

-Entonces yo voy.

Entonces ella habló así:

- ¿Tú vas?

- Yo voy.

Entonces yo fui. ¿Entiendes? Cuando salí del trabajo, todavía yo tenía que ofrecer la cena, en mi servicio antes de salir. Entonces llegué en mi casa y pregunté. ¡Eh! ¡Ahí después tomé y llegué allí en casa! ¿Y le pregunté?

- ¿Aldila ya fue?

- Fue. En el Campo Capoeira.

Entonces yo miré y la vi. ¿Entiendes? Y yo cogí mi ropa, una bolsa de ropa y vine corriendo ... Yo corría y ella corría, pero estaba tan lejos de la otra ¡Eh!

Entonces cuando llegué en el capoeira ella ya estaba subiendo, bajando la subida del capoeira. Que hoy es la calle de dos pistas. Cuando llegué a la curva del camino de la calle cerca de la mata que viraba hacia aquí, ella ya estaba casi bajando en la Gameleira. ¡Y yo, Dios mío!



Y yo bajé corriendo atrás de ella. Cuando llegué en la Gameleira, encima de la Gameleira un poquito más, escuché un cascabel ¿Entiendes?

-¡¡¡Tic. Tic. Tic. Tic !!!!

Había unas vacas. Yo tenía mucho miedo de vaca. Entonces, yo vi unas vacas muy cerca de mí. Entonces dije:

- Yo corro cerca del alambre, que ella cree que entré adentro, y ella salta para allá. Y fui bajando cerca del alambre. Pero cuando yo miré hacia atrás, ¡Madre de Dios! Era una calavera de una vaca, no era una vaca. La vaca era sólo hueso. Sólo hueso, ¿Entiendes?

Y aquél cascabel sonando, y yo ¡Madre de Dios!

Y yo corrí, corrí, corrí y encontré tres chicos, cerquita de la cruz del tío Luiz Prata y hablé así:

- ¿Tú has visto mi sobrina?

Y él habló así:

- Ella está llegando en una casa allí.

Era la casa de ella !Eh! Pero yo no quise hablar nada que pasó para el chico. Yo corrí, y como corrí. ¿Entiendes?

Llegué allí en la casa de ella. Y esa vaca vino atrás de mí hasta la cruz de Tío Luis Prata. Llegué allí y le conté a ella:

- ¿Tú has visto? Yo hablé.

- ¡Vi! Ella habló.

- Yo no vi esa vaca.

- Pues, yo he visto.

Ella habló así:

- ¡Ah! Yo ya vi gallina angola, perro, ya vi tanta cosa ...

- Pero, también yo estaba sola. Y dije así:

- ¿Y ahora?



El otro día nosotras teníamos que volver para trabajar el domingo. En ese día no hubo fiesta. Entonces nos quedamos contando historias por allá. En el otro día volviendo a casa yo vi mis huellas, pero no vi las huellas de la vaca.

Ella habló así:

- ¿Cómo tú verías se era la calavera de la vaca? ?

Entonces dije:

- ... era. Y dije así: ¡Dios mío! Y dije:

- Nunca más ando aquí sola no. De ninguna manera. Entonces , ... llegué allí en mi casa y conté a mi madre. Y mi madre:

- Vves, porfías conmigo y te vas. Te hablé. Hablé no vas. ¿Tú vas? ¡Muy bien! Ahora tú no vas más. Y yo dije:

- ¡Ahora no voy más solita. ¡No, no!

Historia contada por Vilma Maria dos Santos, en la Comunidade Quilombola do Cedro en Mineiros, Goiás, Brasil.







A Rapadura do João Pretinho

Isso é uma, uma história que meu pai contava, que sempre falava isso para nós, que no tempo que ele era criança, ele trabalhava no engenho de barro, massano barro e fazeno tijolo, pa fazê o fogão que é pa queimá a lenha, pa fervê a garapa, pa fazê rapadura. Essas rapadura seria feita pra alimento tanto da família como dos amigo que chegasse na sua casa.

Fazia rapadura a modelo do tijolo era umas rapadura tão feia, tão feia, mais era tão doce. Umas rapadura pretinha, mas era gostosinha que cê chupava e chegava a dá bicota de tão doce que era rapadura. Isso era a rapadura que meu pai e o vô Pretinho falava..

Eles fazia naquele tempo de antigamente. Levantava madrugada com seus pé aberto no chão pisando na geado. Trabalhava no engenho de cana, pa pô nos seus boi sua vara de ferrão na cacunda. Falava vem, Fazendero, vorta, Gigante. Comprimento a sua roça, isso é os bois devagazim girando em volta do ingenho até que sol se rompia, e aí aquele serviço terminava. Aquele velho seguia para bera do fogão de lenha, com sua garapa no tacho eles batia, tchoroom, tchoroom. Quando terminava fazia aquelas doce rapadura. Pretinha, mais gostosinha, que todos que exprementava, só dizia que maravilha.

Intão, tá aí história do João Pretinho.

*Contado por Hidelbrando Simão de Moraes,
na Comunidade Quilombola do Cedro em Mineiros, Goiás.*



La PANELA

de Juan Negrito

Esa es una, una historia que mi padre contaba. Él siempre hablaba eso para nosotros, decía que en el tiempo que él era niño, él trabajaba en el ingenio de barro, amasaba la arcilla, para hacer ladrillo, para hacer el fogón, para quemar la leña, hervir el guarapo y hacer la panela. Esas panelas eran hechas para alimento tanto de la familia como de los amigos que llegaban en nuestra casa.

Hacía panela siguiendo el modelo de los ladrillos. Eran unas panelas muy bien hechas, tan bien hechas, y muy dulces. Unas panelas negritas, pero muy riquitas, que se las chupaba y hacía ruidos de tan dulce que eran esas panelas. Esas eran las panelas que mi padre y mi abuelo Negrito hablaban.

Ellos hacían en aquel tiempo de antaño. Levantaba por la madrugada con sus pies abiertos pisaban el suelo frío. Trabajaban en el ingenio de caña, y ponían una vara con agujón en la cacunda de los bueyes. Hablan viene Ranchero, vuelva Gigante. Saludo tu campo, eso son los bueyes que despacito giraban alrededor del ingenio hasta que se rompía el sol, y entonces aquel trabajo terminaba.

Aquel viejo seguía para cerca del fogón de leña, con su guarapo en el tacho ellos golpeaba, *tchoroom, tchoroom*. Cuando terminaban hacían aquellas dulces panelas.

Entonces, esa es la historia de Juan Negrito.

Historia contada por Hidelbrando Simão de Moraes, en la Comunidade Quilombola do Cedro en Mineiros, Goiás, Brasil







Água Santa

Oh! Uma lenda aqui! Eu num sei se isso é lenda o se é verdade, né?. Diz que aqui no Cedro tinha um garimpero, que ele tinha muita lepra no corpo e aí diz que ele, lá abaixo da ponte ali, lá chama até Água Santa. Então ele ... apareceu uma image de Noss' Senhora da Aparecida, parece pra ele. E aí ele viu aquela image. E a image entrô lá nessa cachoerinha, dessa Água Santa, ... lá tem uma queda, uma cachoerinha.

E aí ele ficô oiano aquela Santa entrá, aquela image naquela cachoerinha que é do lado do rio. E aí ele foi, comprô a Santa e colocô lá. E lá ficô com o nome de Água Santa. E ele curô, e ele parece que tomô um banho lá nessa água, quando ele foi levá a Santa.

Lá tinha uma imagem de Santa até poco tempo, aí os vândalo dessas otas igreja que quebrô, mais lá tinha a Santa. E aí, ele sarô toda a ferida. E então, lá ficô um lugar famoso na época. Vinha gente de toda parte, das vizinhança aqui pra modi é tomá banho, pra levá o barro, pra passá o barro em ferida, o pessoal que tinha algum tipo de pobrema. Intão lá ficô conhecido Água Santa. Até hoje muita gente inda vai lá inda, sabe? Só que num, num tem mais aquela... aquela que motivação que tinha de primeiro. De primeiro era cheim de gente. A pessoa tinha uma dor de cabeça e falava:

— Não! Vô lá na Água Santa! Tomá um banhi naquela e buscar água.

E o pessoal ia aqui da comunidade, e o pessoal da cidade, e da vizinhança toda ia busca água. Intão essa daí foi uma que mar mim marcô. Que eu num cunhici a pessoa, mais a Santa eu cunhici lá. Sabe? De vez em quando eu vô lá também.

*Contado por Gilmar Santos Moraes,
na Comunidade Quilombola do Cedro em Mineiros, Goiás*



EL Agua Santa

¡Una leyenda de aquí! Yo no sé si eso es leyenda o si es verdad. Dicen que aquí en el Cedro tenía un minero, que tenía mucha lepra en el cuerpo y entonces dicen que él fue allá abajo del puente, en un lugar llamado Agua Santa. Entonces dicen que en ese lugar una imagen de Nuestra Señora Aparecida pareció para él. Y entonces él vio la imagen. Y la imagen entró en esa cascada, de esa Agua Santa. Allá hay una caída, una cascada.

Entonces él quedó mirando aquella Santa entrar, aquella imagen en aquella cascada que es al lado del río. Y entonces él compró una Santa y la puso cerca de la cascada. Y allá quedó con el nombre de Agua Santa. Y él fue curado, porque me parece que se bañó allí en esa agua, cuando él fue a llevar la Santa.

Allá tenía una imagen de la Santa hasta poco tiempo, pero los vándalos de otras iglesias la destruyeron, más allá tenía la Santa. Y entonces, él sanó toda la herida. Y entonces, allí quedó un lugar famoso en la época. La gente de todas partes de la vecindad venía aquí para bañarse, para llevar el barro, para pasar el barro en la herida de una persona que tenían algún tipo de problema. Entonces allá quedo conocido como Agua Santa. Hasta hoy mucha gente todavía sigue yendo allí, ¿entiendes? Pero ya uno tiene más aquella ... aquella motivación que había antes. Antiguamente era lleno de gente. La persona tenía un dolor de cabeza y hablaba:

- ¡No! ¡Voy allá en el Agua Santa! Bañarse o buscar aquella agua.

Y las personas aquí de la comunidad, y las personas de la ciudad, y de la vecindad toda busca esa agua. Entonces, esa fue la historia que más afectó. Yo no conocí la persona, pero la Santa la conocí allá. ¿Entiendes? A veces yo voy allá también.

*Historia contada por Gilmar Santos Moraes,
en la Comunidade Quilombola do Cedro em Mineiros, Goiás, Brasil*







ASSOMBRANÇA de dia

— Eu nunca tive medo de sombração. Mas não é dizê que num tem sombração, porque tem sombração. Tem gente que fala que num existe. Ah! Existe sombração! Eu já vi mesmo sombração, de muitos tipo. De dia.

— De diaaaaaa?

— De diaaaaaa!

— Ah!!!!

Eu tava trabaiano mais um primo aqui, num lugar aqui prá cá por nome de Pinga Fogo. Eu tava trabaiano mais ele lá. Aí eu peguei um empreita dele. Aí eu terminei a minha empreita lá e no outro dia nós vinha embora, mas eu quis vim embora nesse mesmo dia. Aí o companheiro falô:

— Moço! Amanhã nós vai. Porque pra ir de bicicleta é longim.

Mas eu disse:

— Naaaaaão sô! Eu vou embora e é hoje!

E vim. E aí eu vinha vino de lá pra cá, e era mais ou menos uma base de 2 horas pra 3 e tinha uma reta bem cumpridona assim, ó! Bem cumprida. E eu entrei na reta dessa estrada que ia pro Mineiro. E de cá eu avistei um camarada atravessá vestido de ropa preta de padre. Mas ele era pequeno assim, ó! Atravesô de lá pra cá assim. E entrou assim, eu marquei bem aquela moita pra vê o que era aquele trem. E fui, fui. Quando chegô lá perto da moita eu atravessei a bicicleta cá pra frente e encostei ela lá. Aí tô que olho, era uma moita de gravatá. Muito grande. E olha aqui e olha ali, olha aqui e olha ali.



— Moooooço do Céu!!!!

Quando deu mais pra frente se desse uma passada eu ia vê esse camarada. Mas eu num cheguei a vê ele não. Eu vi ele quando tava longe.

— Moço, meu cabelo chega arrepió pra riba assim, ó!!!

Eu falei:

— Não! Não! Não!... Num quero vê ocê, não. Pode ficá aí.

Vim de cá e muntei na minha bicicletinha e ó! E vim bora pra cá

*Contado por José Antonio de Moraes (Zé Leite),
na Comunidade Quilombola do Cedro em Mineiros, Goiás.*



EMBRUJAMIENTO de día

Yo nunca tuve miedo de embrujamiento. Pero, no es decir que no existe embrujamiento, porque existe sí embrujamiento. Hay gente que habla que no existe, pero... ¡Ah! ¡Hay embrujamiento! Yo ya vi sombra, de muchos tipos. De día.

- ¿De díaaaaaa?

- ¡De díaaaaa!

- ¡Ah!

Yo estaba trabajando con un primo aquí, en un lugar que se llamaba Pinga Fogo. Yo estaba trabajando con él allá. Entonces asumí el trabajo de él. Entonces terminé mi trabajo allá y en el otro día marcharíamos, pero yo quise ir a mi casa en ese mismo día. Entonces mi compañero dice:

- ¡Hombre! Mañana vamos. Porque para ir en bicicleta es lejano.

Pero yo dije:

- ¡Nooooooo hombre! ¡Me voy y es hoy!

Y he venido. Y entonces venía de allá hacia acá. Era sobre las 2 horas o 3 de la tarde y tenía una recta muy larga así ¡oh! Muy larga. Y yo entré en la recta de esa carretera que iba a la ciudad de Mineiros. Y de aquí, vi a un compañero vestido con ropa negra de cura cruzar la carretera. Pero él era muy pequeño. Él cruzó ahí hacia acá. Y entró así. Yo señalé muy bien el arbusto para ver lo que era aquella cosa. Y fui, fui. Cuando llegué cerca de allá, del arbusto, yo crucé la bici y la puse hacia adelante. Y me quedé observando, el arbusto de gravatá que muy grande. Y mira aquí y mira allí, mira aquí y mira allí.



- ¡Dios mío!

Cuando caminé más adelante, si doy un paso más yo veía a ese compañero. Pero yo no conseguí verlo. No, no. Lo vi cuando estaba lejos.

- Hombre mi pelo ha erizado hacia arriba así.

Yo hablé:

- ¡No! ¡No! ¡No! ... No quiero verlo, no, no. Puede quedarse ahí.

Vení hacia acá, agarré mi bici y ... Y me fui a mi casa.

*Historia contada por José Antonio de Moraes (Zé Leite),
en la Comunidade Quilombola do Cedro en Mineiros, Goiás, Brasil.*







Chico Cavaco

Esse cidadão era um cidadão que tocava viola. Fazia festa só com viola.

Diz que ele tocava viola, jogava viola pra cima, e a viola não parava de tocá. Só que ele tinha parte com o diabo.

Diz que tinha de parte com demônio lá. E isso a minha vó que contô essa história.

Diz que ele foi... e aonde ele ia tocá, diz que a aglomeração era grande. Era um cara era muito cativadô das pessoa, só que ele tinha um prazo determinado de vida. Ele não morreu, ele sumiu! Ele foi tocá a última festa dele aí pro lado do Mato Grosso e diz que lá quando ele saiu ele falô pra famia dele, tipo irmão, e vó, tias. Sei lá! Que não vortaria mais, era a última festa dele.

Diz que ele chegô na festa, o camarada foi lá buscó ele, montado numa mula. Sei lá! Puxando otra, e ele chegô e falô que era o dia dele. E ele pediu pa tocá a última moda e foi embora nunca mais ninguém viu nem falá desse Chico Cavaco.

Isso é história que minha avó mi contó.

*Contado por Deusair Jesus Moraes (Deusim),
na Comunidade Quilombola do Cedro em Mineiros, Goiás.*



Paco ViOLA

Ese ciudadano era un ciudadano que tocaba viola. Hacía fiesta sólo con la viola.

Dicen que él tocaba viola, jugaba la viola hacia arriba, y la viola no paraba de tocar. Pero dicen que él tenía un parte con el diablo.

Dice que tenía un pacto con el demonio allí. Y fue mi abuela que contó esa historia.

Dicen que él fue... y donde él tocaba dicen que había una muchedumbre. Era un tipo que cautivaba a las personas. Dicen también que él tenía un plazo determinado de vida. ¡Él no murió, él desapareció!

Él fue a tocar en la última fiesta en una región cerca de Mato Grosso y dicen que allá antes de irse él habló para su familia, hermano, abuelo y tías. ¡Qué sé yo! Dijo que no volvería nunca más, que aquella era la última fiesta de él.

Dicen que él llegó en la fiesta y el compañero fue a buscarlo, montado en una mula y tirando otra. ¡Qué sé yo! Y se acercó a Paco Viola y le dijo que era el día de él. Y él pidió para tocar la última música y se fue. Nunca más nadie supo nada de ese Paco Viola.

Y esa historia que mi abuela contó a mí.

*Contado por Deusair Jesus Moraes (Deusim),
en la Comunidade Quilombola do Cedro en Mineiros, Goiás.*







Fazê Rapadura

Vô falá a verdade aqui, nós tudo aqui no Cedro, quais todo mundo faz, sabe fazê rapadura. Intão, aqueles tempo premero, cê ia num lugar e tinha um ingenzim. Primeiramente, era aquela ingenhoca, eles falava ingenhoca. Era duas moendo assim, uma por riba da ota, e aí na ponta daqueles pau eles furava uma cruzada assim, colocava os braço que era pra tocá e cantá. Ficava um do lado, oto do oto tocano aquele trem pra fazê as rapadurinha, fazê o melado. Intão e sempre os povo aqui fazia.

Intão isso vem a tradição dos povo, né! E aí a gente começô isso indeusde minino e todo mundo fazia, a gente aprendeu fazê. Foi desta manera aí. Aí depois tinha um senhor Vergílio ali que ele é que fazia muito aqui.

Eu tinha ingeim. Era tocado a cavalo. Eu amarrava o cavalim lá e... Era mesmo, quais o mesmo tipo dos, dos boi, né! Que andano lá em volta daquilo fazia muê a cana. E aí agora, ... tá cum uns oito ano que resolvi a fazê aí. Aí eu montei um engenho ali, mas só que esse aí já é a energia, né! Que aí a gente faz as coisa mais... é mais a, mais a maioria das coisa é naquele tipo de antigamente. As forminha de maderá, né, cê faz as coisa, faz o melado, bati na gamela, depois cê põe lá na forma. Intão é o tipo que nós sempre usava.

*Contado por Hidelbrando Simão de Moraes,
na Comunidade Quilombola do Cedro em Mineiros, Goiás.*



Hacer PANELA

Voy a hablar de la verdad aquí,... nosotros todos aquí en el Cedro, casi todos sabemos hacer rapadura. Entonces, antaño si uno iba a un lugar aquí en el Cedro se veía un ingenio. Primero, era aquel artilugio, ellos hablaban artilugio. Era dos molindas así, una arriba de la otra, y en la punta de aquellos palos ellos agujereaban una y cruzaba la otra así. Colocaba los brazos que era para tocar y cantar. Se quedaba uno del lado, otro del otro tocando aquella cosa para hacer las panelitas, hacer la melaza. Entonces, así siempre hacían las personas de aquí.

Entonces eso viene de la tradición de los pueblos. ¡Eh! Y entonces, la gente empezó eso desde niño y todos lo hacen. La gente aprendió a hacer fue de esa manera. Además había el señor Vergilio que era la persona que más producía panelas aquí.

Yo tenía un ingenio que era tocada a caballo. Yo ordenaba el caballito allá y... ¡Era el mismo, casi del tipo de los, de los bueyes! Que andando alrededor del artilugio hacía moler la caña. Y ahora está cumpliendo ocho años que resolví hacerlo aquí en un ingenio eléctrico. Es que nosotros podemos hacer las cosas más..., es más modernas, pero la mayoría de las producciones es como antaño. Las formitas de madera ¡eh!, se hace las cosas, se hace la melaza, después se la mescla en la artesa, después la pone en las formitas. Entonces es el tipo que nosotros siempre usamos aquí.

*Historia contada por Hidelbrando Simão de Moraes,
en la Comunidade Quilombola do Cedro en Mineiros, Goiás, Brasil.*







Meu primeiro Sapato

Meu primeiro calçado que eu comprei, primeiramente, o primeiro de todos eles foi um sapato de plástico que meu colega me deu. Eu calcei e eu fiquei satisfeito demais com esse sapato. Ele era um calçado de plástico.

A gente num tinha calçado pra calçá e ele me deu esse sapato e num tava cabendo no pé dele mais, e aí ele ... passô esse sapato pra mim e eu calcei esse sapato. E aí era o calçado que eu fui im alguma festinha, em alguma, algum telço. E depois disso eu fui trabaiá junto com meu irmão o Zé Leite, o Gerônimo lá no Corrente. E eu fiquei pra lá umas três semana mais eles, nós bateno feijão.

E eu comprei uma butina. Uma butina vermeinha. E eu empolgado demais com essa butina. E doido que chegasse um dia de ..., tivesse uma festa aqui da comunidade pra mim calçá essa butina, que eu num podia calçá, era calçado de i na festa, num era calçado de calçá à toa, de i pra iscola. Não!!! Tinha que andá discalço, era calçado na hora que tivesse alguma coisa importante pra gente podê calçá. Até aqui apareceu essa festa. Pra mim foi a mió festa que o ... já fui, foi com essa primeira butina que eu calcei.

Eu fiquei tão empolgado que pra mim num era uma butina, era um, um avião que... eu tava andano. Sabe? Era essa butina que eu... comprei. Era a primera butina que eu comprei. Eu tinha uns 15 anos. Cabô logo porque ... que eu ... cabô assim que aí eu... agente ia ni festa e adurô mais de ano, que aí a gente vai cresceno e ela vai se acomodano, vai ficano mei apertada e a gente nunca, num usa ela pra outa coisa só pra i im festa. Foi, foi, foi até que acabô também.

*Contado por Epaminondas Gonçalves da Silva,
na Comunidade Quilombola do Cedro em Mineiros, Goiás.*



Mi primer Zapato

El primer zapato que compré, primeramente, el primero de todos ellos fue un zapato de plástico que compré de mi colega. Yo lo puse y me quedé muy satisfecho con ese zapato. Él era un calzado de plástico.

Nosotros no teníamos zapato para usar y él vendió el zapato porque no le servía más, y él vendió para mí ese zapato. Y ese era el zapato que iba a alguna fiestita, a algún tercio. Y después de eso yo fui a trabajar junto con mi hermano Pepe Leche, el Gerónimo allá en el Corrente. Y yo me quedé allí unas tres semanas con ellos, mezclando frijol.

Y yo compré un botín. Un botín rojito. Y yo demasíadamente emocionado con ese botín. Y ansioso que llegara un día de..., que tuviera una fiesta aquí en la comunidad para usar el botín, que yo no podría usarlo, era zapato de ir a la fiesta, no era zapato para usar en una situación cualquier, como ir a la escuela ¡No! Tenía que andar descalzo porque el zapato solamente era usado cuando había algo para nosotros. Hasta que apareció esa fiesta. Para mí fue la mejor fiesta que yo ya fui, fue con ese primer botín que usé.

Me quedé muy emocionado. Para mí no era solamente un botín, más parecía un, un avión que... yo estaba andando. ¿Entiendes? Era ese botín que yo... compré. Era el primer botín que compré. Yo tenía unos 15 años. Pero pronto no usé más, porque nosotros íbamos en fiestas. Usé ese botín más de un año, porque nosotros íbamos creciendo y el botín fue acomodando medio apretado, y nosotros nunca lo utilizamos para otra cosa que no era fiesta entonces... fue, fue, fue hasta que no pudo usarlo más.

*Historia contada por Epaminondas Gonçalves da Silva,
en la Comunidade Quilombola do Cedro en Mineiros, Goiás, Brasil*







O conto do sô César

E aí uma vez que nós tinha um time aqui e nós ia jogar com outro time que é até da família dele aí, de lá do Buracão. Então na Semana Santa nós fez um treino bem forte, porque lá eles era uns crioulo muito forte, uns do pescoço curtinho, assim, ó. Eles era forte demais, mas nós brincava com eles, com toda a fortaleza deles. Aí nós fez um treino, daqui dava dois time, então um interava pro outro time ficar mais forte, porque o outro que vinha era forte também. Era um time do doutô Tatzim, aí nós fizemos um jogão forte, e ficou bão o treino. Aí nós resolveu fazer um baile.

— Ah! Vamo fazê um baile? Dançá hoje.

— Mas já é Semana Santa, a semana que entra é Semana Santa.

— Ah! Não, mas é ... É só hoje.

— Nós não vamo dançá, depois nós dança no sábado aleluia.

— Vamo?

— Oia!!!

— Não! Vamo fazê.

E tinha um companheiro que morava numa casinha na beira da estrada que atendia pelo nome de sô César. Nós tratava ele de César. Ele bebeu o que nós ganhô do Tatzim e naquela farra que nós fazia ele tava pagando trem pra nós bebê lá. Nós bebendo e ele também bebendo, bebendo e... E aí deu a hora e a muié lá embaixo era professora, como nós dançava lá no grupo, aí ela falô pro marido dela:

— Fala pra eles pará lá agora, porque eu tenho mais três dia ainda para mim trabaíá. E preciso de durmi. E eles fica lá e vai amanhacê o dia.



Aí ele foi e falô pra mim:

— Zé! Para porque a muié qué que cêis para porque ela tem que trabaiá mais ainda e tal, e tal ...

— Eu acho até bom, porque ao meno assim nós vamo embora.

— Mas, toca mais uns dois toque aí, e nós incerra.

Aí assim foi. E lá bebeno nesse buliço do homem. Aí enquanto os minino vei subino divagazim, eu desci embaixo para mim levar uma outra crioula lá na casa dela. Não era longe não, pertim. E eles foi subino divagazim pra mim alcançá eles depois. E vim vino. Aí eu larguei ela lá e vim de volta pra alcançá os minino. E na porta do buliço tinha um banco. E vem, e vino e vino, e no que eu olhei aquele homi sentado lá. Chápeuzão. Homão. Tava até ajeitado. E eu achei que era o sô César. Aí eu falei:

— Uai! Num quis i com os minino não?

E ele falou pra mim assim:

— Não!

E eu quais falei assim.

— Vamo? Porque ele tinha gastado muito com nós. Mas aí eu falei: Bão. Se eles não levô de certo é porque ele tá tonto demais. Ele tá melhorando. E aí quando eu andei uma distância daqui lá, mais ou meno até aquele morrinho. Pensei em chamá ele pa ir porque, largá ele aí, ele tava mais nós e agora larga ele pra trás. No que eu olhei pra trás pra chamá ele pra ir, eu olhei lá e não tinha ninguém lá no banco. Aí eu falei:

— Uai! Ee! E agora não!

Aí corri e alcancei os minino levando o sô Cesar. Ele tava tão bebo que tava andano carregado nos braços assim, ó. E eu tava achano que o otro que tava lá era sô Cesar. Aquilo lá num era ninguém, era um camarada que tava lá assistindo aquilo. Então, essa história aí incerro com o sô Cesar.

*Contado por José Antônio de Moraes (Zé Leite),
na Comunidade Quilombola do Cedro em Mineiros, Goiás.*



EL CUENTO de DON CÉSAR

Una vez que teníamos un equipo aquí y nosotros íbamos a jugar con otro equipo, que es de familia de él ahí, que vinieron de un lugar llamado Buracão. Entonces en la Semana Santa nosotros hicimos un entrenamiento muy fuerte, porque allí ellos eran unos negros muy fuertes. Ellos tenían un cuello cortito, así. Ellos eran demasiado fuertes, pero jugábamos con ellos, sabiendo que eran fuertes. Entonces hicimos un entrenamiento, aquí formamos dos equipos, porque así un ayudaba el equipo del otro y nos quedábamos más fuertes, porque el otro equipo que venía era fuerte también. Era un equipo del doctor Tatzim. Entonces hicimos un juego fuerte y un buen entrenamiento. Entonces, después de todo decidimos hacer un baile.

- ¡Ah! ¿Vamos a hacer un baile? Danzar hoy.

-Más ya es Semana Santa, la semana que entra es Semana Santa.

- ¡Ah! ¡No, pero es...! Es sólo hoy.

- Nosotros no bailamos, después bailamos el Sábado Santo.

-Vamos?

- Oye !!!

- ¡No! Voy a hacerlo.

Y tenía un compañero que vivía en una casita cerca de la carretera que se llamaba Don César. Nosotros le llamábamos César. Él bebió lo que nosotros ganamos de Tatzim y en aquella fiesta que nosotros hacíamos, él estaba pagando todas las cosas que bebíamos. Nosotros bebiendo y él también bebiendo, bebiendo y... Después de un tiempo la mujer de Don Cesar que estaba en la casa un poco abajo y era profesora en el grupo donde bailábamos dice para el marido:

- Habla para ellos parar la fiesta ahora, porque tengo tres días más para trabajar. Y necesito dormir. Y ellos se quedan allí y van hasta el amanecer.

En ese momento él dijo a mí:



¡Pepe! Para porque mi mujer quiere que pare porque ella tiene que trabajar más aún y tal, y tal...

- Me parece bueno, porque así nos vamos.

- Pero, toca más dos músicas, y nosotros paramos.

Entonces así fue. Y allí bebía en ese bullicio en el bar. Entonces, el momento que los compañeros estaban subiendo despacito, yo bajé abajo para llevar a una negra allá en la casa de ella. No era muy lejos no, era cerquita. Y ellos fueron subiendo despacito para que yo pudiera alcanzarles después. Y yo venía, y venía. Entonces yo la dejé allí y vine de vuelta para alcanzar a los compañeros. Y en la puerta del bullicio tenía un banco. Y yo venía, y venía de repente yo miré a un hombre sentado allí. Sombrerón. Hombrazo. Estaba muy bien vestido. Y yo pensé que era el César. Entonces dije:

- ¡Diay! ¿No quiso ir con los chicos?

Y él me habló así:

- ¡No!

Y yo casi hablé así.

— ¿Vámonos?

Porque él había gastado mucho dinero pagando la cuenta del bar. Pero allí pensé. ¡Bueno! Si ellos no lo llevaron, es porque él está muy borracho. Él debe estar esperando mejorar. Y yo fui. Cuando caminé de una distancia de aquí hasta allá, más o menos hasta aquella rocalla. Pensé en llamarlo para ir conmigo porque sería mala dejarlo allí. Él estaba con nosotros y ¿ahora lo dejamos solo? Pero cuando miré hacia atrás para llamarlo para marchar, yo miré allí y no había nadie allí en el banco. Entonces dije:

¡Diay! ¡Oh!Y no ahora!

Entonces yo corrí y alcancé a mis compañeros y ellos estaban cargando Don Cesar. Él estaba muy borracho y él fue cargado en los brazos así... Y yo estaba pensando que el otro que estaba allí era Don Cesar. Aquel que estaba allá no era nadie, era una persona que estaba allí mirando la fiesta. Entonces, esa es historia del señor Cesar y sanseacabó.

*Historia contada por José Antônio de Moraes (Zé Leite),
en la Comunidade Quilombola do Cedro en Mineiros, Goiás, Brasil.*







O Macaco e o Mangarito

Um das coisas que eu me lembro é que, certamente meu avô ensinô pro meu pai as história dos macaco, dentre tantas histórias que tem que o bicho era muito esperto. Quando ia pra roça, geralmente era pra pegar uns milho. Ficava um vigiano e os outro pegando. Eles amarrava o milho e saía. E aí eu me lembro que relacionado a um causo que meu pai conta é quando ele fala de um macaco que pegou um mangarito pra comer em cima de uma árvore, né. Aí ele falava que na hora que o macaco pegou o mangarito a onça chegou e disse:

— Cuidado seu macaco. Você vai cai daí.

O macaco muito esperto disse:

— Dona onça, tenha cuidado que lá vem o homem e eu sei que ele é caçador. E na hora que ele chegar aqui você mente que tô doente.

E a onça já suspeitô logo, né, que o homem poderia vim, né. E o macaco repetia para a dona onça:

— Você mente que eu tô doente com a cabeça inchada e dor de dente.

E aí ficava eu, ficava os primo tudo. E a gente ia dormi feliz com aquelas histórias porque era uma forma da gente se divertí. E isso só através das conversa. E aí eu me lembro, muito bem, que tinha um caquinho que meu pai tocava. Ele cantava uma música que era assim, ó:






MÚSICA

*O Macaco subiu no pau pra comer o mangarito
e a onça chegô de baixo
OOOOOOOOOH macaco cê cai daí
E lá vem um homem e eu sei que ele é caçador
Na hora que ele chegô aqui*

*Cê mente que eu tô doente
Cabeça inchada e
dor de dente*

*Cê mente que eu tô doente
Cabeça inchada e
dor de gente.*



E todo mundo dormia feliz, feliz pra caramba com aquelas historinha. E nem sabia se era mentira ou se era verdade, mas pra gente era bom demais!

*Contado por José Antonio Silva de Moraes (Zé),
na Comunidade Quilombola do Cedro em Mineiros, Goiás.*



EL MONO y La MAFaFitita

Una de las cosas que me recuerdo es que, ciertamente mi abuelo enseñó a mi padre la historia de los monos, entre tantas historias que existe y muestra como el bicho era listo. Cuando ellos iban a la chacra, generalmente era para coger maíces. Eran ordenados, mientras un vigilaba los otros agarraban. Ellos lazaban el maíz y salían. Y entonces, me acordé de una historia que mi padre cuenta que es el cuento de un mono que agarró una mafatita para comer en un árbol. Entonces, él hablaba que en la hora que el mono cogió la mafatita, la onza llegó y dijo:

- Cuidado señor mono. Usted va a caerse de allí.

El mono muy listo dijo:

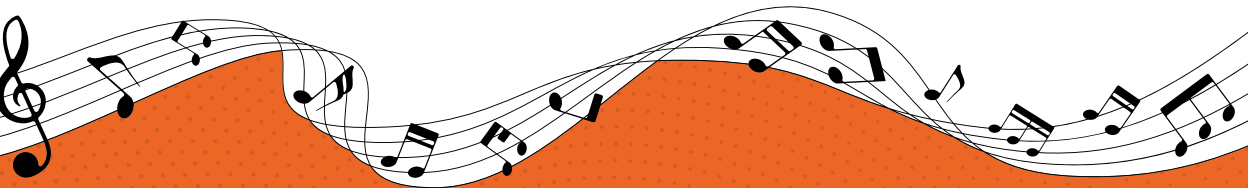
- Doña onza, tenga cuidado que allí viene el hombre y yo sé que él es cazador. Y a la hora que llegue aquí tú mientes que estoy enfermo con dolor de muelas.

Y la onza ya sospechosa de pronto ¡eh!, que el hombre podría venir. Y el mono repetía a la dueña onza:

- Tú mientes que estoy enfermo, con la cabeza hinchada y dolor de muelas.

E entonces yo me quedaba, y se quedaban los primos todos. E nosotros dormíamos felices con aquellas historias porque era una forma de diversión. Y entonces yo me acuerdo sólo a través de las conversaciones. Y ahí me acuerdo, muy bien, que había una viola que tocaba mi padre. ¡Él cantaba una canción que era tan así:





MÚSICA

*El mono subió en un palo para comer la mafafita
y la onza llegó abajo
¡Ooooooooooh! Mono tú vas a caer de aí
Y allí viene un hombre y yo sé que él es un cazador
A la hora que él llegue aquí*

*Tú mientes que yo estoy enfermo
Cabeza hinchada y
dolor de muelas*

*Tú mientes que estoy enfermo
Cabeza hinchada y
dolor de la gente.*



Y todos nosotros dormíamos felices. Muy felices con aquellas historias. Y yo ni sabía si era mentira, o si era verdad, pero para nosotros era muyyyyy bueno.

*Historia contada y cantada por José Antônio Silva Moraes (Zé),
en la Comunidade Quilombola do Cedro en Mineiros, Goiás, Brasil.*







Parente Morto

Quando morria alguém, mesmo nós tinha medo demais. Quando morria algum parente nós não dormia à noite.

— E por que vocês num durmia?

É que nós ficava vendo aquela pessoa, assim na mente né, mas num era que via. Era o medo que... E ficava muitos dia a luz ligada. Nós ficava durmino com a luz ligada... cum medo de vê aquela pessoa que morreu, né!

E nós tinha muito medo de difunto. Toda vida meu medo era esse.

Não gostava de i em velóro. Quando oiava pro difunto... parece que ele tava me oiando. Eu tinha muito medo mesmo... de veia que eu fui num tê medo mais. De difunto.

Essas historinha é engraçada, assim. Hoje... assim, nossa que bestagem, né! Tê medo de difunto pra quê? Gente! Faiz nada. Tá morto lá, mas aquela cisma de medo mesmo.

Mas, quando estive com muito medo. Cê antes de deitá. Cê reza meu pai-nosso, ave Maria e com a velinha branca e põe no cantim, no cantim da cama no cantim da casa assim. E aí ele não aparece mais... oferece po anjo da guarda dele, né! Pa alma que vai embora, e valia... E sempre quando eu tinha muito medo fazia isso direto. Se morreu parente começava, nossa!!! A vela, não tenho ela branca aqui, num tem vela. E eu pegava a vela branca e punha. E isso foi até eu entendê que isso num ... ia mudá nada. Que num aconteça nada é coisa da mente né! Então, tem coisa que eu aprendi com a minha mãe assim, conta as história, dessas histórias dessas para nós.

*Contado por Selma Santos Moraes,
na Comunidade Quilombola do Cedro em Mineiros, Goiás.*



Pariente Muerto

Cuando moría a alguien, nosotros teníamos mucho miedo. Cuando moría algún pariente no dormía por la noche.

- ¿Y por qué no dormían?

Es que nos quedábamos viendo aquella persona, así en la mente ¡eh!, no es que veía. Era el miedo que... Y quedábamos muchos días durmiendo con la luz encendida. Nos quedábamos durmiendo con la luz encendida... con miedo de ver a aquella persona que murió ¡eh!

Y nosotros teníamos miedo de muerto. Por toda la vida mi miedo era ese.

A mí no me gusta ir a funerales. Cuando miraba al muerto... parecía que él estaba mirando a mí. Yo tenía mucho miedo de difunto.

Esas historietas son divertidas, así. Hoy... así, pienso ¡Dios mío! ¡Qué tontería! ¿Tener miedo de muerto para qué? ¡Madre de Dios! Ellos no hacen nada. Está muerto allá, era solamente desconfianza.

Pero cuando esté con mucho miedo, antes de acostarse, haga una oración. Tú debes rezar un Padre Nuestro, una Ave María con una vela blanca y la pone en el rinconcito, en el rinconcito de la cama, en el rinconcito de la casa así. Y entonces él muerto no aparece más... ofrece la vela para el ángel de la guardia de él. Para el alma que se va, y valía... Y siempre cuando yo tenía mucho miedo lo hacía siempre.

Cuando moría un pariente yo ya comenzaba, ¡¡¡ Madre de Dios !!! La vela, no la tengo blanca aquí, no hay vela. Y yo buscaba la vela blanca, la cogía y la ponía. Y eso fue hasta comprender que eso no... iba a cambiar nada. Que no ocurre nada que es cosa de nuestra mente, la mente, ¡eh! Entonces, hay algo que he aprendido con mi madre así, contar las historias de esas historias para nosotros.

*Historia contada por Selma Santos Moraes
en la Comunidade Quilombola do Cedro en Mineiros, Goiás, Brasil*







UM SONHO de MENINA

Nós ... somos 15 irmãos e quando a gente ia para escola o pai falava assim:

— Não, não num vai pra escola não. Vamos, vamo pra roça. Eu já tive, assim, tantos filhos pra num tê que chamá ninguém pra trabalhá pra mim.

E tirava a gente, né! Todo mundo pequeninim da escola e ia pra roça. E lá ele insinava, né, mesmo com jeito dele, assim o diferente, né. A gente tinha muito medo dele que ele era bem bravo. E ensinava gente a plantá arroz, cortá, baté feijão. Serviço braçal de adulto mesmo, mas eu sempre tinha vontade de estudá. Aí eu tava no pré, depois fui pra primera série. Eu começava a studia, e ele tirava. E ia chorando para roça, e ele falava:

— NÃO!!! Precisa estudá não! A gente não consegue ser nada mesmo, é melhó que a gente vai pra roça, a gente trabalha, plantá e comê, né! E num passa fome.

E eu ficava muito triste, assim, de vê o comportamento dele, mas não podia fazê nada. É tanto quando eu vim pra escola, mesmo eu já tinha ... feito a primeira série eu já tinha nove anos porque ele num dexava.

Aí foi quando eu fugi, fugi do Quilombo e saí a pé e fui pra cidade. Minha mãe lavava ropa pra um monte de senhoras da cidade, né, e eu fui numa delas e falei, perguntei se ela me dava um trabalho. Ela falô pra mim: “Mas, você é uma criança”. Eu falei “Não, mas eu já trabalho na roça, eu já sei fazê muita coisa. Mas eu quero é estudá”. Aí ela falou:

— Ah! Mais eu não vô pagá pa uma criança, né!



Aí eu falei:

— Não precisa me pagá, não! Eu só quero estudá e me dá comida e tudo bem. Eu vô aprendeno fazê as coisa.

—Aí ela, não então tá bom! E quem é seu pai?

E eu falei.

— Mais seu pai dexô você vim?

E eu falei:

— Não, eu fugi.

Eu terminei de falá que eu tinha fugido ele chegô lá. Aí eu escondi. Aí ela acalmó ele e falô:

— Não, ela qué estudá. Ela é uma criança, adolescente. Ela precisa estudá. E ela qué. Fica tranquilo, seu Antônio, a gente vai cuidá muito bem dela.

Aí eu já fiquei mais na cidade, né! Vinha pro Cedro, e só assim, mais pra passia, visitá e fui ficando mais na cidade. Fiquei assim, a minha adolescência toda aqui, não. E aí foi quando eu comecei a entendê que a roça não era mesmo meu lugar, porque eu comecei estudá assim, era bem dedicada mesmo... as matérias que eu tinha dificuldade eu era estudiosa.

E eu gostava muito de cantá. Nossa! Como eu gostava de cantá. E cantava aquelas música internacionais antiga que fazia sucesso ... e aquela cabeça boa que escutava a música uma vez e cantava perfeito meu inglês, heim! E aí tanto que eu participei, cheguei a participar de uns três festivais né? José Antonio. Três. E eu venci três festivais. Venci em primero lugar.

Quando eu subi no palco acho que todo mundo até riu. Quem é aquela negrinha esquisita, né? E aí eu fui, ensaiei. E eu mesma fiquei surpresa quando... mas não queriam me dar o primero lugar. Até por eu ser negra, né! É tanto que o povo gritava muito assim né:

— Sueli, Sueli, Sueli!



E sabe? E virava, e jogava cadeira pra cima. E eu falei:

—Nossa! O negócio está ficado bom mesmo, né!

Aí eu venci três festivais em primeiro lugar. Dois festivais segundo. Aí em seguida eu já estava casado com José Antônio. Aí quando a gente foi pra São Paulo a gente tinha um sonho de ir no Silvio Santos pra virar cantora, mais chegando em São Paulo, assim tudo mudô, né! Foi muito trabalho, muita luta e a gente pensava que fica três anos lá, nós ficamo 30 anos mais, era isso ... que eu quiria na verdade. Eu num quiria mesmo, assim ficá na roça. Eu quiria estudá um pouco, eu num estudei tanto né! Mais o que eu pude eu fiz, e foi bom demais para mim!

*Contado por Sueli Oliveira Santos Moraes (Sula)
na Comunidade Quilombola do Cedro em Mineiros, Goiás.*



UN SUEÑO de Niña

Nosotros... somos 15 hermanos y cuando la gente iba a la escuela el padre hablaba así:

- No, no vas a la escuela. Vamos, vamos a la finca. Y hablaba que ya tenía tantos hijos era para no llamar a nadie para trabajar para él.

¡Y retira a nosotros de la escuela! Todo éramos muy pequeñitos y él nos retiraba de la escuela para ir a trabajar en la finca. Y allí él enseñaba ¡eh!, de la manera de él, así medio diferente ¡eh! Nosotros teníamos mucho miedo de él porque él era muy valiente. Y enseñaba a nosotros a plantar arroz, cortar, a cosechar frijol. Trabajo con los brazos de una persona adulta, pero yo siempre tenía ganas de estudiar.

Yo estaba en la escuela primaria, después fui al primer año. Y empezaba a estudiar y él retiraba de la escuela. Yo iba llorando para la finca y él hablaba:

—¡NO! ¡No necesita estudiar, no, no! No conseguiremos ser nada, es mejor trabajar en la finca, porque así nosotros trabajamos, plantamos y comemos, ¡eh! Y no tenemos hambre.

Y yo estaba muy triste, así, de ver el comportamiento de mi padre, pero no podía hacer nada. Y por eso yo vine a la escuela, cuando yo ya tenía... hecho el primer año, ya tenía nueve años. Fui a la escuela con esta edad porque él no dejaba ir.

Y ahí fue cuando huí, huí del Quilombo y salí a pie y fui a la ciudad. Mi madre lavaba ropa para muchas señoras de la ciudad y yo fui a una de ellas y hablé, pregunté si ella me daba un trabajo. Ella me habló que yo era una niña. Yo dije ¡no!, pero yo ya trabajo en la finca, ya sé hacer muchas cosas. Pero yo quiero es estudiar. En ella habló:



- ¡Ah! ¿Pero cómo yo voy a pagar por una niña trabajar?

Entonces dije:

- ¡No necesita pagarme! No me pagues! Sólo quiero estudiar. Dame comida y está todo bien. Y yo voy aprendiendo a hacer las cosas.

Entonces ella dice:

- ¡Entonces está bien! ¿Y quién es su padre?

Y yo hablé.

- ¿Pero tu padre le dejaste venir aquí?

Y yo dije:

- ¡No! Yo huí.

Yo apenas terminé de hablar que había huído y él llegó allí. Entonces yo me escondí. Ella calmó a mi padre y dijo:

- ¡No! Ella quiere estudiar. Ella es una niña, casi una chica. Ella necesita estudiar. Póngase tranquilo señor Antonio, nosotros vamos a cuidar muy bien de ella.

Entonces yo me quedé más en la ciudad. Venía al Cedro, y sólo así, más para pasear, visitar y me quedando más en la ciudad. Me quedé así, mi adolescencia toda en la ciudad. Y fue en ese momento que empecé a entender que la finca no era mi lugar, porque yo empecé a estudiar, era muy dedicada y las asignaturas que yo tenía dificultad yo era más estudiosa.

Y me gustaba mucho cantar. ¡Madre de Dios! ¡Cómo me gustaba cantar! Yo cantaba aquellas música internacionales antiguas que hacían éxito... y mi buena cabeza escuchaba la canción una vez y yo cantaba, ¡perfecto mi inglés, he! Y entonces yo participé de unos tres festivales ¡eh! José Antonio. Tres. Y yo vencí los tres festivales. Venciéndolos en primer lugar.

Cuando subí al escenario creo que todos se rieron ¿Quién es esa negrita rara? Y entonces yo ensayé. Y yo misma me sorprendí cuando... no querían darme el primer lugar ¡Creo que fue por yo ser negra! Es



tanto que el pueblo gritaba mucho así:

- Sueli, Sueli, Sueli!

¿Y sabes? Y volteaba, y echaba silla hacia arriba. Y yo dije:

- Madre de Dios! Eso está muy bueno ¡eh!

Entonces yo vencí tres festivales en primer lugar. Dos festivales en segundo. En seguida yo ya estaba casado con José Antonio. Entonces nosotros fuimos para São Paulo, porque teníamos el sueño de ir al Silvio Santos para convertirnos en cantantes, pero llegando a São Paulo, todo cambió ¡eh! Fue mucho trabajo, mucha lucha y nosotros que pensábamos en quedar por tres años allí, nos quedamos 30 años, era eso ... que yo quería en la verdad. Yo no quería quedarme trabajando en la finca. ¡Yo quería estudiar un poco, y yo no he estudiado mucho, ¡eh! Pero lo que pude lo he hecho, y fue demasiado bueno para mí !

*Historia contada por Sueli Oliveira Santos Moraes (Sula)
en la Comunidade Quilombola do Cedro en Mineiros, Goiás, Brasil*







Oração do
Pai NOSSO
Pequeno

**Pai nosso pequenino,
Deus me leve em bom caminho,
7 anjo me acompanha,
7 estrela me alumea.
Nosso sinhô meu padrinho,
Nossa Senhora minha madrinha
botai a mão na minha cabeça,
para o demônio no me atentá
nem de noite nem de dia
e nem hora nenhuma.
Essa reza que eu rezei
eu ofereço pra Santa Catarina,
me dá memória e entendimento
para aprendê tudo aquilo que é de mistério
em honra e glória, Nossa Senhora.**

*Recitada por Gilmar Santos Moraes,
na Comunidade Quilombola do Cedro em Mineiros, Goiás.*



Padre Nuestro

PEQUEÑÍN²

Padre nuestro pequeñín,
llévame por buen camino;
camino de salvación,
mis pecados muchos son,
no los puedo confesar,
ni en cuaresma ni en carnal.
Yo tenía un escapulario
con la Virgen del Rosario,
cada vez que me lo pongo,
me acuerdo de San Antonio;
cada vez que me lo quito
me acuerdo de San Francisco.
San Francisco era mi padre,
San Antonio era mi hermano,
me agarraron de la mano,
me llevaron a la fuente,
me pusieron cruz y frente,
donde el diablo no me atiente
ni de día ni de noche
ni a la hora de mi muerte.

² Versão mais comum na internet. Disponível em: <https://www.biodiversidadvirtual.org/etno/Oracion-con-juro-Padre-nuestro-pequenin-llevame-por-buen-camino...-img64680.html>. Acesso em: 10/ago/2018.







Nzambe EE

(Língala-idioma africano da região da Angola – Congo)³

Nzambe e-e,⁴
Nzambe ee, yamba e e,
mabonza ma biso, Nzambe, Nzambe
Nzambe e ... (2x)

1. Tokopesa Yo, mapa na vinu
oyamba yango, Nzambe, **Nzambe e e...**

2. Tokopesa yo, bomoi bwa biso
oyamba yango, Nzambe, **Nzambe e e...**

3. Tokopesa yo, esengo ya biso
oyamba yango, Nzambe, **Nzambe e e...**

4. Tokopesa yo, mosala mwa biso
oyamba yango, Nzambe

5. Tokopesa yo, mossala mwa biso
oyamba yango, Nzambe, **Nzambe e e...**

6. Tokopesa yo, baboti ba biso
oyamba yango, Nzambe, **Nzambe e e...**

³ Retirado do folheto da missa afro da comunidade Quilombola do Cedro.

⁴ Interpretado por Sueli Oliveira Santos Moraes e José Antônio Silva Moraes.



NZAMBE EE - SEÑOR

(Língala-idioma africano de la región del Angola – Congo)⁵

**Dios recibe
Nuestras ofrendas, Dios**

**Te ofrecemos pan y vino
Recibe el Señor**

**Te ofrecemos nuestra vida
Recibe Señor
Recibe Señor**

**Te ofrecemos nuestra alegría
Recibe Señor**

**Te ofrecemos nuestro trabajo
Recibe Señor**

**Recibe Señor a nuestros jóvenes
Recibe Señor**

**Te ofrecemos a nuestros padres
Recibe Señor...**

⁵ Tradução baseada no folheto da missa afro da comunidade Quilombola do Cedro.





QUANDO O PAPAI CHEGAR

**Quando papai chegá,
tem muitas coisa pra mim contá.
Mamãe foi passia,
Me dexô aqui sozinho
Para o bicho mim pegá.**

*Contada por Gilmar Santos Moraes,
na Comunidade Quilombola do Cedro em Mineiros, Goiás.*

CUANDO MI PAPÁ LLEGUE

**Cuando llegue mi papá,
Tendrá muchas cosas para contarme.
La mamá fue a pasear,
Me ha dejado aquí solito
Para el coco agarrarme.**

*Cantada por Gilmar Santos Moraes,
en la Comunidade Quilombola do Cedro en Mineiros, Goiás, Brasil.*



LEITURAS AFINS

AGUIAR, Vera Teixeira de; MARTHA, Alice Áurea Penteadó (Orgs.). *Conto e reconto: das fontes à invenção*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Contos tradicionais do Brasil*. Belo Horizonte; Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1986.

GRIMM, Jacob & Wilhelm. *Chapeuzinho Vermelho e outros contos de Grimm*. Tradução de Ana Maria Machado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. *Branca de Neve e outros contos de Grimm*. Tradução de Ana Maria Machado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

_____. *Cinderela e outros contos de Grimm*. Tradução de Ana Maria Machado. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

_____. *Os contos de Grimm*. Tradução de Tatiana Belinky. São Paulo: Paulus, 1989.

LOBATO, José Bento Monteiro. *Histórias de Tia Nastácia*. São Paulo: Brasiliense, 1957.

MACHADO, Ana Maria. *Histórias à brasileira*. 4 vol. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

PERRAULT, Charles. *Contos e fábulas*. Tradução de Mário Laranjeira. São Paulo: Iluminuras, 2007.

RÊGO, José Lins do. *Histórias da velha Totônia*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

ROMERO, Sílvio. *Contos populares do Brasil*. São Paulo: Landy, 2000.

VALADARES, Ione Maria de O.; LIMA, Nei Clara de (Orgs.). *Histórias populares de Jaraguá*. Goiânia: CECUP/UEG, 1983



SOBRE OS ORGANIZADORES

Joana Dark Leite

É contadora de histórias formada em Letras-Português pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Goiás - UFG, mestre em Performances Culturais pela Universidade Federal de Goiás. Atua como professora de teatro no Instituto Tecnológico do Estado de Goiás em Artes Basileu França e no Centro Unificado de Arte e Esporte em Trindade Goiás. Também coordena o grupo NarrAtividade. O objetivo do grupo é provocar a formação do leitor-brincante por meio da contação de histórias e pela mediação de leituras.

Maurício Fernando Schneider Kist

É graduado em Comunicação Social com habilitação em Radialismo/Produção em Mídia Audiovisual pela Universidade de Santa Cruz do Sul. Mestre em Arte e Cultura Visual pela Universidade Federal de Goiás, com pesquisa sobre o ativismo e a militância expressados nos muros na reformulação da lei de drogas no Uruguai. Trabalha com produção de videoaulas para Educação à Distância e desenvolvimento de materiais para a educação à Distância do IF Goiano. Atualmente está lotado no Núcleo de Educação à Distância do Câmpus Trindade e é professor de Língua Espanhola na EaD do IF Goiano.

Priscila Rodrigues do Nascimento

É professora de Língua Portuguesa e Língua Espanhola no Instituto Federal Goiano, no Câmpus Trindade. É mestra em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Goiás – UFG. Desenvolve projetos na área de leitura literária. É membro do Instituto Afro Origem de Goiás – INAO. Desenvolve projetos sociais em parcerias com empresas públicas e privadas. É amante de histórias e, por isso, contadora de histórias em formação.



